

**GEOGRAFIA E FUTEBOL: ESPORTE, FLUXOS E CONFLITOS NA EX-IUGOSLÁVIA**Matheus Hudson dos Santos Pereira<sup>1</sup>Thiago Oliveira Neto<sup>2</sup>Fredson Bernardino Araújo da Silva<sup>3</sup>**Resumo**

O objetivo deste artigo consiste em analisar a fragmentação da Iugoslávia por meio da geografia política com base nos conceitos de nacionalismo e território. Além disso, menciona-se a reverberação no futebol local dos movimentos políticos dos países que emergiram da antiga Iugoslávia. Para a realização dessa pesquisa, busca-se consultar dados oficiais da União Europeia e ONU, consulta de bibliografias e artigos científicos, bem como bancos de dissertações e teses. Identificou-se que os conflitos na região da Iugoslávia, são constantemente representados nos dias de hoje, principalmente pelos clubes croatas, bósnios e sérvios, onde as torcidas, conhecidas como Ultras, constantemente entram em conflito com torcidas rivais. Verificou-se também que as questões nacionalistas e de identidade nacional na região da ex-Iugoslávia se agravam nos anos 1990 e estas refletem no futebol e, por consequência, o esporte foi utilizado como objeto político nesse período.

**Palavras-chave:** nacionalismo; política; futebol; Balcãs.

**GEOGRAPHY AND SOCCER: SPORT, FLOWS AND CONFLICTS IN THE FORMER YUGOSLAVIA****Abstract**

The aim of this article is to analyze the fragmentation of Yugoslavia through political geography based on the concepts of nationalism and territory. In addition, the reverberation in local football of the political movements of the countries that emerged from the former Yugoslavia is mentioned. To carry out this research, we seek to consult official data from the European Union and the UN, consult bibliographies and scientific articles, as well as databases of dissertations and theses. It was identified that conflicts in the region of Yugoslavia are constantly represented nowadays, mainly by Croatian, Bosnian and Serbian clubs, where the fans, known as Ultras, constantly come into conflict with rival fans. It was also found that nationalist and national identity issues in the former Yugoslavia region worsened in the 1990s and these reflected in football and, consequently, sport was used as a political object in that period.

**Keywords:** nationalism; policy; soccer; Balkans.

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, voluntário na iniciação científica. E-mail: [matheus.hudson.Pereira@gmail.com](mailto:matheus.hudson.Pereira@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP, professor-substituto da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. E-mail: [thiagoton91@live.com](mailto:thiagoton91@live.com)

<sup>3</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, bolsista FAPEAM. E-mail: [fbernardino1997@gmail.com](mailto:fbernardino1997@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

A Iugoslávia, primeiramente conhecida como Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, foi reconhecida pela primeira vez na conferência internacional da paz, em Paris, 1919. A conferência foi conduzida pelo presidente americano Thomas Woodrow Wilson, que propôs os “14 pontos para a paz”, nos quais lança o direito à autodeterminação dos povos, direito esse que garante a um povo à soberania e liberdade de decidir sua forma e sistema de governo, além de seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Tal direito veio a tornar-se critério-chave para a ordem política nas regiões Centro, Leste e Sudeste da Europa. Cada povo era livre para criar seu Estado nacional, se cumprissem critérios linguísticos e etnográficos.

De todos os países envolvidos nesse processo, a Iugoslávia foi o que apresentou a maior diversidade sociocultural e, em parte também por isso, com mais complicações territoriais internas. O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, que também contava com muçulmanos, bósnios, montenegrinos e macedônios, segundo Calic (2018), na década de 1920, representavam cerca de 83% da população iugoslava, de cerca de 12,5 milhões de habitantes. Cerca de outras 20 minorias étnicas viviam dentro dessa região. Logo, criava-se todo um ambiente propenso a inúmeros conflitos com o passar dos anos.

Segundo Nogueira (2023), a raça e a etnia, juntamente ou separado da língua e religião, é historicamente um dos marcadores mais explícitos da identidade nacional, ou, por outro lado, um dos mecanismos mais emblemáticos para estabelecer distinções ou exclusões. Tal fenômeno fica mais evidente no período da guerra civil iugoslava nos anos 1990.

Somado a isto, segundo Almeida (2012), o grau de interferência dos Estados socialistas do século XX no desporto, em geral, e no futebol, em particular, era altíssimo. O apoio institucional estatal com as equipes no Leste Europeu iria além do significado simbólico dos seus nomes, alguns deles patrocinados por exércitos, como podemos observar nos times Estrela Vermelha (criado pela polícia secreta sérvia) e Partizan Belgrado (time do Exército Iugoslavo). Nesse contexto, o futebol ganha um sentido que não se limite ao desporto em sentido estrito, pois, conforme Campos (2008, p. 249), “o futebol pode ser estudado pela ciência geográfica através de uma visão simbólica do espaço e de um entendimento do futebol como fenômeno que transcende sua qualidade de esporte”. Ou seja, tem diversos aspectos, sejam eles políticos, sociais, culturais, econômicos e conflitos que podem vir a ser tema de estudos. Na Geografia, outros autores

como Pedro Höfig (2013) e Claudio Roberto Bragueto (2013) destacam o papel simbólico do futebol, a relação entre futebol e a produção do espaço urbano e apropriação do território, além do já citado Canettieri (2010), o qual ressalta a incorporação de elementos da geopolítica acerca do futebol internacional, estudando a relação entre o jogo e a política. Logo, podemos determinar que o futebol também dialoga com o conceito das redes geográficas, uma vez que estas são redes sociais espacializadas, em virtude de serem construções humanas, envolvendo poder e cooperação (CORRÊA, 2011).

A partir disso, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a fragmentação da Iugoslávia por meio da geografia política com base nos conceitos de nacionalismo e território bem como sua reverberação no futebol. O texto está organizado em três partes: primeiramente discorre sobre os elementos conceituais para analisar as dinâmicas territoriais e parte-se da discussão geopolítica sobre nacionalismo; na segunda parte busca-se organizar uma periodização das mudanças territoriais na região de estudo; por fim, tece-se algumas considerações e análises sobre o futebol enquanto esporte que apresenta uma dimensão política no âmbito da guerra civil iugoslava.

## **1. NACIONALISMOS NA IUGOSLÁVIA**

Para fins de compreender a fragmentação territorial da antiga ex-Iugoslávia, pode-se mobilizar um arsenal de conceitos da geografia e em especial da geografia política, isso se justifica, pois os elementos teóricos da geografia possibilitam ler e nos ajudam a compreender os processos territoriais, que se fizeram presentes no transcorrer histórico de formação territorial e de fragmentação em diversos Estados nacionais.

A formação territorial é o primeiro constructo teórico analítico, sendo trabalhado inicialmente por Moraes (2001), buscou-se analisar o processo de formação e de ocupação de um país, chamando atenção que nesse caminho é possível identificar as principais forças políticas que vão conduzir a ocupação e a formação dos países.

As ideias de conquista e de apropriação territorial são apresentadas para o caso desta pesquisa, onde é investigado a característica de uma formação territorial pautada no estabelecimento de tratados de fronteira, de unificação territorial e de fragmentação territorial.

A configuração territorial dos países corresponde a um longo processo de formação territorial com diferentes fases marcadas por domínios territoriais e pelo

estabelecimento de fronteiras internas e externas, enfraquecimento dessas fronteiras internas e a eclosão de movimentos nacionalistas de caráter emancipatório.

Moraes (2001) chama atenção que para compreender os processos de formação de um país, é necessário identificar o que estava ocorrendo em outros lugares e continentes, nesse contexto, para abordar o processo de formação territorial e de fragmentação territorial da Iugoslávia é importante transitar em diferentes escalas. Para esta pesquisa, transita-se em duas escalas principais: a primeira mundial e a outra regional onde se encontra os diferentes povos e países formados atualmente.

Com esse aporte teórico, pode-se então analisar que o projeto de uma Iugoslávia no século XX, esbarrou em movimentos autonomistas e independentistas, oriundos de articulações políticas internas de grupos sociais estruturados em bases étnico-culturais e cívico-políticas, existindo influências externas, como o caso da União Soviética no início do século XX. As diferentes influências e as diferentes configurações dos movimentos nacionalistas culminaram no desmembramento nacional e a criação de novos Estados nacionais, enquanto movimento de lutas internas, buscando sempre alcançar objetivos pautados em soluções para fins de atender as demandas de um povo/uns povos que se fazem presentes em um recorte espacial.

Os diferentes movimentos reivindicatórios de formação de um novo Estado nacional podem ser interpretados pela geografia política como movimentos nacionalistas, estes possuindo uma miríade de significados e que podem ser compreendidos com base nos pressupostos teóricos destacados por Chagas (2017; 2018).

Chagas (2018) vai mencionar que os movimentos nacionalistas podem ser compreendidos e analisados com base em quatro estruturas interpretativas: etnossimbolistas; perenialistas; primordialistas; modernistas. O primeiro corresponde à compreensão de que “as nações sempre existiram em todos os períodos da história” e os seus vínculos “os quais se alicerçam as nações são permanentes no tempo”, não constituindo como um “elemento exclusivo da modernidade”. Os primordialistas partem de um entendimento que “as nações são primordiais, fundamentam seus discursos em uma perspectiva naturalista, entendendo que as nações existem na ordem natural” e algumas nações “não lograram manifestar-se, isso advém de injustiças históricas e que os movimentos nacionalistas tencionam consertar”. A compreensão etnossimbólica parte da existência de uma valorização dos “elementos subjetivos” referentes a persistência dos grupos, sendo que os elementos “subjetivos referem-se à memória, aos sentimentos, aos

mitos e aos símbolos” apresentando um “pertencimento e identificação de um indivíduo com determinado grupo étnico. Segundo Chagas (2018, p. 260), existe “uma convergência de elementos presentes entre o perenialismo, o primordialismo e o etnossimbolismo” em ambas se identifica que “as nações tem sua origem em grupos étnicos-culturais” que “existem desde muito tempo, infere-se que o sentimento de pertencimento de uma nação, ou seja, nacionalidade” não constituindo um nacionalismo oriundo do processo recente da modernidade, pois cada povo “cria sua comunidade nacional à medida que se reiteram valores como língua, religião, símbolos, mitos, entre outros, vinculados a um território determinado” que constituem a “formação de uma identidade nacional”.

Contudo, para os modernistas “o nacionalismo é um fenômeno que iniciou no fim do século XVIII” estando relacionado a industrialização, uma ideologia para legitimar Estados “dentro das relações econômicas” ou “ao desenvolvimento de novas retóricas para a identidade de um grupo” com as comunicações, imprensa, símbolos etc., não constituindo um “ente espiritual” oriundo dos tempos remotos “imemoriais”, mas sendo “um produto da modernidade, uma vez que grupos que partilhavam uma cultura comum e que não tinham consciência nacional, passaram a tê-la, à medida que o discurso nacional foi principal instrumento para a consolidação dos Estados nacionais” (CHAGAS, 2018, p. 260-261).

Para Chagas (2018, p. 261), “o nacionalismo cívico baseia-se na concepção política de cidadania, independentemente de raça, religião, língua, etnia, local de origem”, possuindo uma “condição nacional [que] se assenta em uma cidadania comum e a nação é entendida como uma livre associação política dos cidadãos”.

De acordo com Chagas (2018, p. 262) os movimentos nacionalistas podem apresentar as características de serem *centrípetos* quando “buscam preservar unida ou vir a unir, na mesma entidade política (geralmente os Estados), uma ou várias identidades nacionais, no quadro de maior integração possível”, enquanto que aqueles de característica *centrífgos* “procura se distanciar destes projetos de integração, promovidos pelos Estados, em que determinada nação está inserida”.

No período que se compreende de formação e de satelização da Iugoslávia por parte da União Soviética, cria-se um cimento comum aos diferentes povos que residiam dentro do território, um modo de produção que reduzia as assimetrias e as desigualdades regionais e sociais, criando um bem estar social importante e atenuando por um período

de décadas, entre os anos de 1900 a 1940, os movimentos centrífugos, obviamente que teve uma gestão interna que minava possíveis movimentos separatistas com repressões.

Os diferentes mecanismos utilizados para estabelecer bem-estar social e a reduzir as desigualdades regionais e sociais não resultou em ações concretas em todas as frações territoriais da Iugoslávia, pois perduraram as disparidades regionais com regiões apresentando concentrações industriais, mesmo que estatais, e áreas com ausência de atividades econômicas industriais, ou seja, mesmo no período de articulação soviética identifica-se a permanência de desigualdades regionais, aspecto que posteriormente vai “alimentar” narrativas separatistas, principalmente das regiões que compunham as regiões de baixa participação industrial. Tal fator pode ser identificado no período atual quando observarmos regiões mais desenvolvidas economicamente como a Croácia e Eslovênia e compará-las com a Bósnia e Herzegovina, uma das regiões menos desenvolvidas.

O estabelecimento de mecanismos de integração territorial clássicos como abertura de vias de transportes de comunicações para estabelecer uma coesão territorial e uma integração entre os centros políticos e econômicos do país com suas fronteiras e regiões, não necessariamente resulta em efeitos positivos de criação de uma coesão plena, pois as forças centrípetas e centrífugas podem emergir e estarem associadas a elementos culturais e identitário de povos que estão numa mesma unidade territorial de um respectivo Estado nacional, formando minorias que, em decorrência de processos complexos do Estado, vão buscar sua independência, nesse sentido, é importante salientar que a proposta da geopolítica clássica de integração territorial não necessariamente emana movimentos separatistas ou os nacionalismo, estes muitas das vezes são reprimidos pelo uso da força e por ações de criação narrativas (ideológicas) calcadas na presença de uma única identidade, um único povo e um único território.

No âmbito do nacionalismo, identifica-se ambiguidade, onde, de um lado, pretende-se afirmar a identidade nacional, ou seja, a dissemelhança para com outra nação; por outro lado, recusa-se esse contexto à eventuais minorias, das quais não basta a possibilidade de não representarem a nação, pois a elas é comum ser legado o risco a unidade e integridade nacional.

Nogueira (2023), sugere que seria possível pensar o nacionalismo como um movimento sujeito a diversas adjetivações, sendo considerado positivo quando visa a

libertação de uma minoria nacional dominada por um Estado dominante; sendo considerado negativo quando põe em questão uma determinada unidade nacional.

Apoia-se na compreensão dos elementos que envolvem o nacionalismo, principalmente a sensação de pertencimento à uma sociedade, assim como senso de unidade e orgulho, competências de suma importância na identidade nacional. Conflitos e rivalidades étnicas também se fazem presentes, principalmente ao falarmos sobre Iugoslávia, uma vez que tais tensões contribuíram para o desdobramento de conflitos no decorrer dos anos 1990 na região, resultando na ascensão de nacionalidades e na independência das mesmas. A rigor, estes vão se manifestar espacialmente e inclusive nos esportes como o caso do futebol, onde os times tornam-se e reproduzem esses símbolos de identidade e orgulho nacionalista.

A equipe do Estrela Vermelha de Belgrado, da Sérvia, por exemplo, foi um dos principais meios de promoção do nacionalismo sérvio que, por sua vez, contava com jogadores de toda a região da Iugoslávia, era alinhada com o presidente sérvio Slobodan Milosevic, principal expoente do nacionalismo sérvio, o qual utilizava seus torcedores como um grupo paramilitar que defendia o mesmo. Entretanto, tal fenômeno aconteceria em outras torcidas de outros clubes, cada um defendendo a sua vertente, os quais veremos no decorrer da pesquisa.

As fronteiras se fazem muito presentes uma vez que são construções sociais e políticas que não apenas divide territórios físicos, mas também produz divisões sociais entre pessoas e comunidades, criando uma relação de controle e dominação (RAFFESTIN, 1993). As fronteiras internas da Iugoslávia refletiam a diversidade étnica e cultural da região. Ao decorrer da história, diferentes grupos étnicos habitavam as diferentes repúblicas, e isso influenciou a delimitação das fronteiras. Por exemplo, a Croácia tinha uma população majoritariamente croata, enquanto a Bósnia e Herzegovina era habitada por uma mistura de croatas, sérvios e bósnios muçulmanos. A Sérvia era habitada principalmente por sérvios, mas também incluía minorias étnicas.

Segundo Martin (1992), as fronteiras aparecem, no período moderno, como as molduras do Estados-nações, de modo que seu estabelecimento e suas eventuais modificações, são manifestações de transformações que ocorrem no interior das sociedades, e principalmente no caso da Iugoslávia, das relações de vizinhança.

## **2. BREVE PERIODIZAÇÃO E FORMAÇÃO TERRITORIAL**

**GEOGRAFIA E FUTEBOL: ESPORTE, FLUXOS E CONFLITOS NA EX-IUGOSLÁVIA**

Os povos eslavos-do-sul, que estavam localizados onde posteriormente seria a região da Iugoslávia, era composta pelos países que hoje se conhece como: Sérvia, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e Macedônia, assim como duas regiões autônomas: Vojvodina e Kosovo, essa última é a região que viria ser palco de um dos piores conflitos na Europa ao final do séc. XX.

Pode-se dizer que, em parte, é a partir dos processos territoriais (e nacionalistas) que ocorrem na Iugoslávia que se inicia e termina o contexto histórico que marcou o séc. XX. Para fins de sistematização da formação territorial, optou-se em realizar uma periodização com base no quadro 1.

Quadro 1. Síntese da periodização.

Período	Anos	Descrição
1	1897 - 1939	Período dito no texto como primeira Iugoslávia, a qual passava por conflitos territoriais com o Império Austro-Húngaro e Otomano. Nesse período também temos a eclosão da primeira guerra mundial, o que culminaria na criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, um esboço da futura Iugoslávia.
2	1939 - 1987	Referido como segunda Iugoslávia, ou até mesmo conhecida como Era Tito, foi uma época de prosperidade socioeconômica na região regida pela política de Irmandade e Unidade do seu líder Josep Tito, o qual ressaltava o desejo de uma Iugoslávia unida entre todos os povos ali residentes.
3	1987 - 1999	A terceira Iugoslávia, período após a morte de Josep Tito e de muita instabilidade, principalmente pela volta do sentimento nacionalista, principalmente o nacionalismo sérvio alavancado por Slobodan Milosevic, que mesmo com o desejo de independência dos outros países, discursava a favor de uma Sérvia forte e soberana para com as demais nações. Nesse período que temos a guerra civil iugoslava, regida por inúmeros crimes de guerra e contra a humanidade.

Org.: a autoria.

Nessa periodização e ao longo dos próximos subtópicos, pode-se identificar que houve pelo menos duas características dos movimentos nacionalistas: i) um centrado na formação de um novo Estado com aglutinação de diferentes povos e; ii) um centrado no esfacelamento da Iugoslávia com a criação de novos Estados nacionais (fig. 1) remetendo a sentimento de povos, culturas, línguas e pertencimentos aos territórios.





Figura 1. Países oriundos da fragmentação político-territorial da Iugoslávia.

Essa síntese da periodização é desenvolvida nos itens a seguir. O resgate da formação histórico-territorial da Iugoslávia se faz necessário para posterior compreensão do processo de fragmentação territorial e o uso do futebol como instrumento político associado à emergência dos nacionalismos na região.

## 2.1. A primeira Iugoslávia

Entre os séculos XIX e XX, a região dos Balcãs era regida por dois impérios: Austro-Húngaro e Otomano, com exceção da Sérvia e Montenegro, que tiveram sua independência com relação ao Império Otomano reconhecida pelo Congresso de Berlim, em 1878.

Conforme Momce (2009, p. 8), a uniformização linguística concretizada por intelectuais formadores de opinião como Ljudevit Gaj, construíram um sentimento coletivo, sendo necessário para que um croata não tivesse mais como idioma o alemão ou húngaro quando fosse se dirigir à autoridades governamentais ou repartições públicas. Era uma ação estratégica contra o risco de perder a sua língua materna, fazendo com que os intelectuais como Gaj formatasse três dialetos em uma língua comum, formando uma resistência à aculturação promovida pelo Estado Imperial Habsburgo. O shtokavski foi

instituído como a língua comum destes povos, uma vez que é a variante mais falada entre os eslavos-do-sul e a mais abrangente: falada na Sérvia, Croácia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina. O uso da língua comum fortaleceria a argumentação que reivindica a autonomia no território mais amplo possível.

Porém, o mesmo congresso reafirmou a subordinação da Croácia, Eslovênia e Bósnia-Herzegovina quanto ao Império Austro-Húngaro. Vale ressaltar que o território Bósnio ainda estava sob controle do sultão otomano Abdul Hamid II, entretanto, em 6 de outubro de 1908 o imperador austríaco anunciou a anexação definitiva do território Bósnio.

Por volta de 1900, a população da região totalizava cerca de 12 milhões de habitantes (CALIC, 2018, p. 86), dos quais sua maioria era composta por cristãos ortodoxos e muçulmanos, sendo que o restante resultaria em um conjunto de vários outros grupos étnicos, linguísticos, e religiosos, uma combinação de judeus, valáquios, turcos, ciganos e outras minorias. Tinha-se a ideia de criar um todo orgânico a partir da língua e cultura, porém, ao tratar-se de Iugoslávia, observa-se o conjunto da população extremamente confusa em termos linguísticos, culturais e étnicos, compostos por eslovenos, croatas, sérvios, bósnios, montenegrinos e macedônios.

Já em 1912, houve a criação da Liga Balcânica, composta por Sérvia, Montenegro, Bulgária e Grécia, que tinha como objetivo retomar o processo de independência iniciado no século XIX, reduzindo o território do Império Otomano, dando origem à primeira Guerra Balcânica, que durou de 1912 a 1913. O sucesso da Liga Balcânica contra os adversários otomanos deu-se, principalmente, pela fraqueza do próprio império, pois este já estava envolvido na Guerra Ítalo-Turca, ocorrida entre 1911 e 1912, pelo controle da Líbia, ao Norte da África.

Assim, observa-se a demografia do território e sua distribuição espacial nas diversas regiões presentes no período do final da primeira década do século XX (Tabela 1).

**Tabela 1: Regiões históricas do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos - 1918**

<b>Região</b>	<b>Área (Km<sup>2</sup>)</b>	<b>População (1910/1914)</b>
Sérvia (incluindo Kosovo, Macedônia do Vardar e parte de Sandzak)	95.405	4.670.00
Croácia (incluindo Eslavônia, Sírmia e Medimurje)	43.307	2.715.237
Bósnia e Herzegovina	51.199	1.898.044

<b>Região</b>	<b>Área (Km<sup>2</sup>)</b>	<b>População (1910/1914)</b>
Voivodina (Banat, Backa e Baranya)	19.233	1.380.000
Eslovênia (Carníola, Estíria, região do rio Mur)	16.198	1.056.464
Dalmácia (sem Rijeka, Cres, Lošinj, Zadar e Lastovo)	12.729	621.503
Montenegro (incluindo parte de Sandzak)	9.840	238.42
<b>Total</b>	<b>247.911</b>	<b>12.579.671</b>

Fonte: <[https://muse.jhu.edu/pub/60/oa\\_monograph/chapter/2505073/pdf](https://muse.jhu.edu/pub/60/oa_monograph/chapter/2505073/pdf)> tradução nossa.

Nesse período, a Sérvia projeta-se como “região-hegemônica” sob duas variáveis: extensão territorial e contingente populacional. Essa configuração relacionada à acentuadas disparidades no território, em parte, explica algumas fragilidades e a delicada questão regional que o Estado-nação da Iugoslávia apresentou enquanto unidade.

Corroborando a isto, enfatiza-se a importância da península balcânica, que faz a conexão entre a Europa, Ásia e África, fazendo parte das principais rotas comerciais que ligavam esses três continentes. Na época em questão, tais rotas eram de suma importância para a ascensão do imperialismo europeu para com a Ásia e África. É relevante até os dias de hoje, com o intenso fluxo de refugiados da África e, principalmente, de países do Oriente Médio como Iraque, Síria e Afeganistão.

Dentro de um contexto geopolítico, a circulação é importante para entender as relações internacionais, os conflitos e as tendências globais. Tal circulação é movida por uma disposição espacial de infraestrutura, a qual foi e continua sendo imprescindível atualmente, apesar do motivo que originou sua construção esteve relacionado às tensões geopolíticas, conflitos, guerras, ou a necessidades econômicas e de integração física. (NETO e NOGUEIRA, 2018, p. 24).

No âmbito geopolítico global, os atores geopolíticos competem, cooperam ou entram em confronto em busca de seus objetivos estratégicos, e como essas interações moldam o cenário geopolítico. Neste sentido, ao fim da primeira Guerra Balcânica<sup>4</sup>, o Império Austro-Húngaro, que já controlava o território da Bósnia-Herzegovina, e aliado do Império Alemão, tinha grandes interesses em controlar toda a península balcânica, principalmente por conta dos planos de construção da ferrovia Berlim-Bagdá, que passaria dentro da península balcânica.

<sup>4</sup> Conflito que se estendeu entre outubro de 1912 a maio de 1913.

A própria manteve ações geopolíticas para o interior do território europeu, chegando até às montanhas e desertos do Oriente Médio, criando uma ameaça ao domínio britânico sobre o comércio Alemão, pelo acesso da indústria alemã ao petróleo e à um porto no golfo pérsico, principalmente pela melhor eficiência do petróleo como combustível, se comparado com o carvão, principal combustível utilizado pelas indústrias e marinhas rivais. No entanto, com o fim da Primeira Guerra Mundial, o acesso dos alemães à região foi praticamente neutralizado pela presença militar britânica na região, e pelo Tratado de Versalhes, com a remoção da propriedade estrada de ferro de Bagdá.

A ferrovia representa o fenômeno das vias de circulação, tema tradicional da geopolítica, onde Vallaux destaca que essas foram pensadas não somente para atender princípios econômicos, mas também aspectos geopolíticos clássicos de interesse do Estado, como cercamento de fronteiras políticas e o acesso a elas (VALLAUX, 1914).

Todo esse extenso território detém uma gama ampla de sociedades, culturas, religiões (e suas vertentes), etnias, dentre outros aspectos que estão em constante movimento e interação. Portanto, a circulação geopolítica nesse território foi e ainda é intensa, tornando-o dinâmico e instável quanto ao controle territorial.

É nesse contexto em que emerge uma grande onda de nacionalismos entre os povos eslavos da península balcânica, movimento esse batizado de Pan-Eslavismo, que tinha como interesse a união da região em virtude da expansão do território e defesa para com forças externas. Logo, em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando é assassinado em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, por Gavrilo Princip, ligado aos grupos pan-eslavistas. As tensões na região são potencializadas, logo, o Império Austro-Húngaro entrega um ultimato ao Império Sérvio, exigindo explicações quanto ao assassinato, assim como a participação nas investigações do mesmo, porém, foi prontamente recusada pela Sérvia, pois foram consideradas ofensivas e violariam a soberania do Estado. No dia 28 de julho de 1914, o Império Austro-Húngaro declara guerra ao Império do Reino da Sérvia, dando início à Primeira Guerra Mundial (CALIC, 2018, p. 57).

No decorrer da guerra, impulsionados pelo sentimento nacionalista, tinha-se a necessidade da criação de um “Estado forte”, mesmo que contendo línguas, religiões e culturas diferentes. Com as forças austro-húngaras já praticamente rendidas, imprensa e instituições culturais locais já davam como certo o grande objetivo de criar um “povo unificado” composto por sérvios, croatas e eslovenos. No dia 1 de dezembro de 1918, o

príncipe regente Alexandre Karadjordjevic proclamou a fundação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, reconhecido internacionalmente na conferência de Paz de Paris, em 1919 (CALIC, 2018, p. 66).

No pós-guerra, o reino usufruiu de um pequeno ciclo de crescimento econômico, assim como outras nações europeias, mas que se limitava às grandes cidades, essas que desfrutavam de grandes comodidades e do ritmo acelerado de desenvolvimento, mas que era alcançado apenas por pequenas elites dessas cidades. Porém, tal ritmo não chegou aos homens do campo, que continuavam num contexto de pobreza opressora.

No dia 6 de janeiro de 1929, o rei Alexandre dissolve o parlamento, instalando-se como ditador, após o assassinato de membros do partido camponês croata por um membro do partido radical de Montenegro. Todos os partidos e organizações étnicas foram proibidos, e políticos de oposição presos. Após 10 meses, no dia 3 de outubro, o país é renomeado para Reino da Iugoslávia, sendo o país dividido em nove regiões, parecido com o modelo francês, onde cada um receberia o nome de um rio, sendo eles: Drava, Sava, Vrbas, Littoral, Drina, Zeta, Danúbio, Morava e Vardar. Tal ditadura visava unificar o povo e o Estado em uma única nação, criando finalmente a identidade Iugoslava, tendo seu governo apoiado por elites, igrejas e militares (CALIC, 2018, p. 105). Nesse contexto, menciona-se que houve a ação deliberada de criação de uma nacionalidade como cimentante deste país, ou seja, foi de cima para baixo, reforçando um nacionalismo de característica modernista.

No entanto, a centralização do poder num país com tamanha multiculturalidade não foi possível a longo prazo. Nas eleições de dezembro de 1935, os partidos sérvios, croatas, eslovenos e muçulmanos se uniram para apresentar uma lista conjunta, dita como “oposição unificada” contra o governo. Essa oposição ganhou mais força após o dia 9 de outubro de 1934, quando o rei Alexandre é assassinado em uma visita à Marselha, na França, junto com seu anfitrião, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Louis Barthou (CALIC, 2018, p. 106).

Em 1935, há um novo momento político, no qual o antigo ministro das finanças Milan Stojadinović, assume o cargo de primeiro-ministro em junho do mesmo ano. O principal desafio do novo ministro seria contornar os problemas acarretados pela Grande Depressão de 1929, como por exemplo, entre 1925 e 1933, o rendimento de uma família camponesa média caiu dois terços. Em 1934, os produtos agrícolas em atacado valiam apenas metade do que eram em 1926. (CALIC, p. 107). O novo regime perpetuou o

centralismo do poder, mas mostrou-se flexível a favor da autoadministração e igualdade entre as diferentes regiões. Para contornar a situação econômica extremamente delicada do país, o novo governo entrou com subsídios a programas que deveriam dar impulso ao crescimento econômico, com a criação de estatais para estimular a indústria pesada e de armamentos. Para estabilizar o setor agrário, as dívidas dos agricultores foram liquidadas, além dos produtos serem subsidiados por um monopólio estatal sobre o comércio externo.

O regime parcialmente autoritário de Stojadinović utilizou algumas práticas do fascismo italiano e nacional-socialismo alemão, porém, sem adotar suas ideologias e conteúdo político. Novos meios de comunicação, principalmente rádios, filmes, músicas, e outros meios de propagandas comuns da época foram de suma importância para apresentar o novo governo e melhorar a imagem da Iugoslávia no exterior. Um fator cultural de destaque é o uso do Gusla, instrumento de uma só corda, por cantores de folclore tradicional kosovar, que cantavam sobre os antigos heróis do Kosovo, mas que viria a ser utilizado para contar as boas ações do atual governo. Entretanto, tais mudanças não passavam confiança à população em geral, uma vez que as realidades sociais e políticas tinham deixado a Iugoslávia em destaque, porém não era mais do que uma Aldeia Potemkin (na política e economia, uma literal ou figurativa construção cujo objetivo é fornecer uma fachada externa).

O período entreguerras, Segundo Calic (2018), foi caracterizado por dificuldades administrativas e de gestão territorial para a Iugoslávia, repleto de pobreza, tentativas falhas de solucionar problemas domésticos, além da constante tensão étnica e socioeconômica. Nesse contexto, a influência de ideias comunistas oriundas da União Soviética foi crescendo entre os povos eslavos-do-sul, principalmente por conta da aversão ao fascismo, que se mostrou falho em resolver os problemas da região. Isso resultou na criação do Partido Comunista da Iugoslávia que, em 1934, nomeia Josip Broz Tito para o comitê central do partido, sendo enviado à União Soviética para realização de formação política. Tito regressa em 1935, tornando-se secretário-geral em 1939. Na década de 1930, o pensamento de influência soviética apresentava relevante aceitação por parte da população, uma vez que se punha contra o regime antidemocrático e repressivo na região (CALIC, 2018, p. 115).

## **2.2. A Segunda Grande Guerra**

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial a partir de 1939, ocorreram mudanças e transformações nas fronteiras e nas divisões políticas internas dentro da Europa. A invasão da Itália na Abissínia — atual região da Etiópia —, assim como a anexação da Áustria pela Alemanha, mostrou que a Grã-Bretanha e a França não iriam defender os países do Leste contra uma possível invasão militar, sendo essencial que os países dos Balcãs mantivessem uma articulação política com os países do Eixo, enquanto estratégia para fins de manter a integridade territorial. Em 1939, o líder do Partido dos Camponeses Croatas, Vladko Maček principal oposição ao antigo governo, e o novo primeiro-ministro Dragiša Cvetković, formaram o primeiro distrito autónomo Croata na Iugoslávia, tendo Zagreb como sua capital e batizada como Banovina da Croácia, cobrindo a maior parte da Croácia, Dalmácia e Bósnia-Herzegovina.

Após ser invadida, é no dia 17 de abril de 1941 que a Iugoslávia se rende ao Eixo, onde a Alemanha anexou o Norte da Eslovênia, Sérvia e a região do Banato. A Itália anexou o Sul da Eslovênia, a região da Dalmácia e Montenegro. Por fim, tem-se a criação de um “Estado Fantoche” aliado da Alemanha, nomeado de Estado Independente da Croácia, comandado por Ante Pavelić, este que também é criado do grupo paramilitar Ustaše. Seguindo os meios de pensamento do Eixo, a Ustaše pensando em tornar seu Estado mais puramente Croata, começa a exterminar Sérvios, Judeus e Ciganos presentes em seu território, com tamanha brutalidade que os italianos tiveram que intervir. A Ustaše persistiu até 1945, quando o exército alemão que os protegiam entrou em colapso.

Em contrapartida, e com o objetivo de combater os fascistas da Ustaše, foram criados outros dois grupos: os Chetnik e os Partizan, que também viriam a ser inimigos. O primeiro, foi um grupo nacionalista sérvio criado para resistir ao Eixo e aos Croatas, comandado por Draža Mihailović, que visavam libertar a Iugoslávia e restaurar a monarquia no território, e que não compactuavam com as ideias comunistas dos Partizan. Ocasionalmente, alguns Chetnik se juntavam a grupos alemães para combater contra seus inimigos comunistas, com isso, outros se juntavam aos Partizan, para combater o Eixo. Por fim, ao final da guerra, os Chetnik estavam muito reduzidos em número e, em 1946, Mihailović foi capturado, levado à Belgrado e executado.

Quanto ao Partizan, liderado por Josip Tito, era formado por militantes que defendiam a implantação do comunismo na Iugoslávia, autodenominando-se Exército Popular da Libertação (EPL). Em 1944, os Partizan, em conjunto com os soviéticos,

foram responsáveis pela libertação de Belgrado contra os Chetnik. Em 1945, o EPL foi reconstituído como Exército do Povo Iugoslavo.

### **2.3. A Segunda Iugoslávia**

Após a libertação de Belgrado, os associados ao Partizan continuaram sua campanha contra as forças do Eixo, expulsando-as da Iugoslávia. Em 1945, Josip Tito declarou oficialmente a vitória sobre o fascismo na Iugoslávia e o fim da Segunda Guerra Mundial no país, marcando o término de um período de intensos conflitos e ocupações estrangeiras.

Segundo Calic (2018), em 1945, a Iugoslávia adota uma nova constituição, estabelecendo a República Socialista Federativa da Iugoslávia, onde definia a Iugoslávia como um Estado socialista e federalista composto por seis repúblicas: Sérvia (contendo duas províncias autônomas: Voivodina e o Kosovo), Croácia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro, Eslovênia e Macedônia. O mesmo estabeleceu uma estrutura política baseada no socialismo autogestionário<sup>5</sup>, onde o poder político e econômico era descentralizado para as unidades administrativas menores. Cada república tinha seu próprio governo e as decisões políticas e econômicas eram tomadas em níveis locais e regionais.

Josip Broz Tito se tornou o líder do novo país como presidente da Iugoslávia, exercendo um papel de liderança no governo central, buscando o equilíbrio nos interesses das diferentes repúblicas e nacionalidades dentro do país.

Assim, com a ascensão de Josip Broz Tito, e seu plano de criação de uma identidade supranacional, instituiu-se uma política de tolerância à liberdade de expressão de identidade nacional, havendo uma reversão nas políticas de colonização e de repressão cultural exercidas anteriormente (FARIA, 2014, p. 14).

Segundo Faria (2014), a postura de Tito foi tão aclamada que passou a ser chamada de titoísmo, e servia como alternativa para Estados que possuíam ideologias

---

<sup>5</sup> “O termo é introduzido na França para nomear a experiência iugoslava do final da década de 1950, cujo regime, liderado por Josip Broz Tito, se opunha parcialmente ao imperialismo do capitalismo estatal soviético. Assim, a palavra autogestão era empregada não apenas para se distinguir da burocracia soviética, mas também para delimitar a especificidade do regime titoísta, pautado na participação operária nas fábricas (controle operário) e pequenas propriedades privadas. Desse modo, durante o final da década de 1950 e início da década de 1960, a autogestão será entendida, na França, ainda nos termos expressos pela experiência iugoslava, como participação operária na cadeia produtiva, enquanto cogestão. Neste período o signo (autogestão) ainda não havia se encontrado com o seu significado (mudança radical da sociedade)” (TELES, 2021, s/p.)



simpatizantes com a URSS, porém não estavam com influência direta. Sua posição neutra na Guerra Fria, onde buscava manter uma posição independente e sem se alinhar com nenhum dos dois blocos, fez com que Tito tivesse sucesso ao realizar novas alianças, agora no Ocidente, abrindo portas para relações bilaterais com países do mesmo, além de planejar sua economia para o cenário internacional e nacionalizou suas indústrias.

Segundo Vilogorac (1985), em 1947, a agricultura era a atividade econômica predominante no país, sendo que sua contribuição ao PNB (Produto Nacional Bruto) era três vezes maior que o da indústria. Trinta e quatro anos depois desse período, já na década de 1980, a proporção foi invertida: o produto gerado pela indústria, dividido pela agricultura, resultava numa relação de três por um. Em 1982, a indústria participava em 39% no PNB total, enquanto a agricultura era de apenas 13,6%. Entre 1947 e 1982, a proporção da população ocupada na agricultura foi de 70% para 19,9%.

Tito tentava manter uma identidade Iugoslávia unificada, onde buscava equilibrar interesses dos inúmeros grupos étnicos e nações no território iugoslavo, promovido pela sua ideia de “unidade e irmandade”, essa sendo de suma importância para a consolidação do futebol e outros esportes em geral no país.

O governo de Josip Tito foi marcado principalmente pelo desenvolvimento econômico e relativa estabilidade entre as inúmeras etnias e nações no território iugoslavo, porém, após sua morte em 4 de maio de 1980, as tensões étnicas e nacionalistas voltaram à tona, levando ao desmembramento violento da Iugoslávia nos anos de 1990.

#### **2.4. A Terceira Iugoslávia**

Após a morte de Tito, a Iugoslávia retornou às constantes instabilidades no seu território, iniciando em 25 de junho de 1991, com a declaração de independência da Croácia e Eslovênia. Nesse processo, o exército do povo iugoslavo postou suas tropas na fronteira com a Eslovênia, resultando em um confronto entre ambas nações, onde a Eslovênia sai vitoriosa com dezoito baixas contra quarenta e quatro baixas por parte do exército iugoslavo. Entretanto, a principal preocupação do governo iugoslavo era de manter a maior parte da população sérvia um único Estado-nação, assim, como viviam poucos sérvios na Eslovênia, o conflito acabou rapidamente (CALIC, 2018).

Pode-se ressaltar a disparidade social e econômica entre as nações do Norte, bem mais estruturadas e desenvolvidas se comparado com as do Sul, onde até os dias de hoje se concentram a maior parcela de problemas socioeconômicos da região. Exemplo disso

é a disparidade econômica entre Eslovênia, região mais desenvolvida à época, que possuía uma renda per capita seis vezes maior que a região menos desenvolvida, o Kosovo.

A desigualdade, juntamente de sentimentos nacionalistas e uma identidade nacional mais distinta, foram alguns dos estopins da guerra nesse período. O nacionalismo sérvio, baseado no modelo da Grande Sérvia, que visava unificar e manter sob um único território toda a população sérvia do território, assume uma forma mais dominante, comandados por Slobodan Milošević. Entretanto, o nacionalismo deliberadamente estimulado da maior nação, trouxe à tona o nacionalismo das outras nações e dividiu o país em uma guerra brutal pela dominação e expansão territorial (BOGOEVA, 2014, p. 1). A política de Milosevic buscava reivindicar territórios com populações sérvias significativas em outras repúblicas iugoslavas, visando afirmar a superioridade da identidade sérvia. Para tal, inúmeros crimes de guerra e genocídio foram cometidos durante o conflito.

Em 1992, Croácia e Macedônia seguiram o rumo da Eslovênia, proclamando independência da Iugoslávia, o que viria resultar num conflito armado no território croata que duraria até 1995, e que por sua vez possuía uma significativa população sérvia em seu território. Nesse período, a Bósnia também declara independência e é inserida nesse conflito, onde podemos ressaltar a batalha do Cerco a Sarajevo, onde inúmeras barbáries e crimes contra a humanidade foram cometidos, incluindo vítimas como mulheres, crianças e idosos. A cidade foi cercada por 1400 dias pelas tropas sérvias, visando o controle da mesma, impedindo a chegada de suprimentos à população (VALENÇA, 2010, p. 265).

Em 1995 a Otan e outras entidades internacionais intervêm no conflito em várias ocasiões, até que ainda em 1995, é assinado o Tratado de Dayton, que põe um fim formalmente à guerra. No tratado, fica estabelecido a República da Bósnia-Herzegovina, formada por duas entidades autônomas: a República Srpska e a Federação Bósnia-Herzegovina.

Entretanto, o Kosovo, de maioria albanesa, também veio a procurar autonomia para com os Sérvios, e por consequência, sua independência. Já os Sérvios, procuravam manter a soberania sob o território Kosovar. Em 1998, o conflito eclode com o Exército de Libertação do Kosovo (UCK) inicia um confronto de guerrilha contra as entidades de segurança iugoslava no Kosovo, que também lançaram ofensivas para conter o movimento separatista. Com o decorrer da guerra, novamente acusações de crimes contra

a humanidade e violação dos direitos humanos foram colocados no colo dos Sérvios, e em 1999 a OTAN intervém no conflito, onde a mesma baseia-se na crise humanitária engendrada pela repressão, pelos massacres e pela limpeza étnica da Bósnia entre 1992 e 1995 (ROSSI, 2002).

A busca por refúgio em outros países para fugir do conflito, foi uma das consequências da guerra na região. Valenta e Strabac (2013, p. 9), expõem que no período antes da guerra, os bósnios migravam para regiões mais desenvolvidas da Iugoslávia, como a Sérvia, Croácia e Eslovênia, uma espécie de migração periferia-centro, ou como um êxodo rural, ocorrendo fluxos com mais de 800.000 refugiados para países europeus, além de 10-15.000 que pediram asilo nos Estados Unidos e na Austrália.

Além desse grande número de refugiados, os deslocamentos internos também eram contidos de números elevados, sendo que a maior parcela aconteceria na Bósnia-Herzegovina, onde cerca de um milhão de pessoas se deslocaram internamente, seguindo a ordem: fugiam de áreas dominadas por outras etnias para áreas dominadas por seus grupos étnicos, tornando-se pessoas deslocadas internamente. Posteriormente, eles deixariam o país, tornando-se refugiados.

### **3. O FUTEBOL E SEU PAPEL NA GUERRA CIVIL IUGOSLAVA**

O futebol enquanto prática esportiva com a criação de um espetáculo com significados políticos apresenta usos diversos e até propaganda de regimes autoritários ou não, sendo esse fenômeno presente até os dias de hoje. Na Iugoslávia, principalmente na era Tito, a seleção nacional do país teve suas principais vitórias no âmbito internacional, sendo usado como propaganda política e unificação nacional, ganhando o ouro Olímpico em Roma 1960, vencendo a Dinamarca; foi duas vezes vice-campeã europeia, em 1960 e 1968, além de avançar às semifinais de Copa do Mundo em duas oportunidades, 1930 e 1962. Também conquistou o mundial sub-20 em 1987, no Chile (COTRIM, 2021, p. 64).

É um dos agentes de formação da identidade de indivíduos e comunidades pelo mundo. É uma forma de expressão sociocultural que visa a unificação de pessoas de diferentes crenças, condições sociais e econômicas, dentre outros aspectos a um único objetivo: apoiar seu time de coração. Tal identificação com um clube pode vir até a moldar sua visão de mundo e influenciar relações sociais.

O sucesso de um clube ou seleção tem um enorme impacto na questão nacionalista em muitos países, e na Iugoslávia não é exceção. Num local tão delicado e com diversas

manifestações nacionalistas, ter algo que une esses povos em um objetivo comum, é algo extremamente raro. Nesse sentido, temos o futebol como produto importantíssimo nas identidades coletivas e nacionais, assim como sentimento de pertencimento.

Temos o futebol como uma manifestação e representação social, cultural e simbólica. O jogo envolve consigo elementos que vão do entretenimento do espetáculo ocorrido nas limitações do campo como, também, o potencial de aproveitamento deste evento com interesses e intencionalidades políticas e comerciais. (KUNZ e ARAÚJO, 2022, p. 119).

Podemos destacar na Iugoslávia, assim como em outros países, a característica coletivista do futebol, proveniente dos governos socialistas, procurando-se ressaltar a importância histórica da classe operária, assim como as origens políticas vindas de entidades militares históricas que foram base da criação da sociedade Iugoslávia nos anos 1950 até o desmembramento da mesma nos anos 1990, diferenciando-se da crescente comercialização do futebol nos países do Ocidente.

Embora a origem política não tenha sido o principal fator da criação dos clubes de futebol, os mesmos estão constantemente envolvidos com esse meio. São exemplos de times Iugoslavos envolvidos nesse: Partizan Belgrado, formado na Segunda Guerra Mundial e de origem multiétnica e antifascista, associado à resistência dos Partizan comunistas; O Estrela Vermelha de Belgrado, apoiado pelo exército popular iugoslavo, também é de origem comunista, porém representado por maioria sérvia; e na Croácia, temos o Dínamo de Zagreb e o Hajduk Split, que mesmo sendo rivais ferrenhos, sempre foram símbolo do nacionalismo Croata perante ao governo Iugoslavo.

Embora seja sempre ressaltada a fragilidade do patriotismo iugoslavo, Almeida (2012) ressalta que a morte de Josip Tito viria a ser divulgada no jogo entre Hajduk Split e Estrela Vermelha, desencadeando uma manifestação notada primeiramente pelo silêncio, e em seguida por cânticos em sua homenagem. Almeida (2012) conclui que esta manifestação sugere que o grau de identificação para com o projeto da Iugoslávia unida, tinha de fato alguma consistência.

Com o país em meio a constantes instabilidades, a partir do desejo iminente de independência por parte da Eslovênia e da Croácia, e anos depois seguidos pela Bósnia-Herzegovina, assim como uma necessidade de mostrar-se soberano para com os outros países por parte da Sérvia, que já tinha o nacionalismo sérvio bem efervescente e aflorado, o futebol foi o principal veículo da expressão dessas instabilidades a partir dos anos 1990.

No dia 13 de maio do mesmo ano, a partida entre Dinamo de Zagreb e Estrela Vermelha de Belgrado, foi considerado o estopim da guerra civil iugoslava nessa década, com o conflito entre as torcidas organizadas de ambos os times: os Delije, por parte sérvia e os Bad Blue Boys, de parte croata, tendo em vista que uma semana antes, fora realizado a primeira eleição parlamentar da República Socialista da Croácia, elegendo o presidente Franjo Trudman, marcando a primeira eleição em território croata desde a segunda guerra mundial, e que culminaria na independência da Croácia no ano seguinte. Esportivamente, o duelo entre as equipes não representava muita coisa, uma vez que o Estrela Vermelha estava 19 pontos à frente do Dínamo de Zagreb, vice-campeão. A tensão dava-se mesmo antes do jogo, nas ruas de Zagreb, onde os torcedores sérvios, indagados com o nacionalismo sérvio e contra a independência da Croácia, já mostravam sinais do que viria acontecer dentro do estádio. Vale ressaltar, que mesmo a partida acontecendo em território croata, a maior parte da polícia era composta por sérvios ligados ao governo iugoslavo. No momento que a Delije avança contra os Bad Blue Boys, porém quando os croatas revidam, a polícia começa a agir, agredindo a maioria croata e protegendo os sérvios. Com o cenário de guerra já manifestado, o jogador croata Zvonimir Boban, do Dinamo de Zagreb, que também era um dos principais jogadores da seleção da Iugoslávia, partiu pra cima de um policial o qual agrediu um torcedor caído. Boban, com apenas 21 anos, viria a ser um expoente do ideal croata de independência, sendo símbolo contra a repressão dos sérvios, tendo sido aplaudido de pé e seu nome cantado pela torcida do Dinamo (fig. 2).



Figura 2. Mural dedicado à lembrança do confronto entre croatas e sérvios, ilustrando o chute de Boban no policial. Disponível em: <https://www.tportal.hr/media/thumbnail/w1000/1702615.jpeg>. Acesso 1 de agosto de 2023.

Cotrim (2021) expressa ainda que estes movimentos populares conflituosos chamariam a atenção das autoridades governamentais, que buscariam alinhar as representações sociais ecoadas nas arquibancadas aos seus interesses políticos. As manifestações nos estádios condiziam com as agendas políticas de Milosevic e Tudman, fixando laços íntimos entre a política local e os torcedores. Tanto os Delije quanto os Bad Blue Bloys revelaram-se importantes centros de treinamento e recrutamento militar para futuros exércitos nacionais e paramilitares, recebendo apoio financeiro direto dos respectivos governos (COTRIM, 2021, p. 71).

Segundo Almeida (2012), torna-se importante referir que a percepção geral que os croatas partilhavam na altura apontava no sentido das forças policiais representarem o domínio sérvio sob as restantes etnias, especialmente as croatas. O fato do Dinamo de Zagreb ter erguido um monumento de homenagem, no estádio do clube, a todos Bad Blue Boys que morreram durante a guerra, revela o significado simbólico do local, uma vez que para muitos, foi a li que a guerra iniciou (ALMEIDA, 2012, p. 8).

Pouco menos de um ano após o conflito, o Estrela Vermelha viria a ser campeão da Copa dos Campeões da Europa, em 1991, título máximo do futebol europeu até os dias de hoje, mas com a nomenclatura de UEFA Champions League. Entretanto, na época de Tito, tal feito seria expresso como uma conquista do povo Iugoslávo, contudo, apenas os jogadores sérvios executando um “V” com os dedos, símbolo nacionalista sérvio, enquanto a demais minoria mantivera-se neutros (CONTRIM, 2021, p. 75).

Diante desse contexto, também podemos expor o futebol como suporte para a superação dessas crises, uma vez que em meio aos horrores da guerra, o esporte também servia como uma forma de distração e entretenimento, podendo as pessoas se envolver com os jogos, pelo menos por um tempo, procurando escapar das realidades da guerra.

A reconstrução de relações também é alavancada pelo futebol, mostrando uma face mais pacífica e cooperativa aos olhos do mundo, não só como tensão e incidentes recorrentes à rivalidade étnica e política.

Com as famílias afetadas e tendo que se deslocar para fora do país, o futebol também age como forma de inserção dessas pessoas em outros ambientes, pois por ter sua linguagem própria e universal, facilitaria a entrada e desses refugiados a novos ambientes. Com isso, inúmeros jogadores cujo pai ou mãe procuraram se refugiar do conflito, hoje representam clubes e seleções nacionais desses países que os acolheram, tendo como exemplos os jogadores Xherdan Shaqiri e Granit Xhaka, que atuam pela

seleção da Suíça, e que têm origem albanesa-kosovar, esses, que num jogo entre Suíça e Sérvia, fizeram o gesto da águia negra de duas cabeças, com as mãos, ato que gerou inúmeras revoltas por parte de dirigentes Sérvios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Identificou-se ao longo do artigo que houve dois movimentos nacionalistas: o primeiro correspondeu na criação da Iugoslávia pautado em elementos da modernidade, com a formação de um novo Estado com influência soviética; o segundo oriundo dos povos que reivindicaram emancipação e a formação de novos Estados, apresentando discursos e justificativas centradas em elementos como atender demandas internas, presença de regiões marginalizadas, povos com língua e cultura anterior a formação da Iugoslávia, oriundo dos tempos imemoriais. Nesse contexto, observa-se que o nacionalismo enquanto movimento apresentou pelo menos duas importantes configurações e faces na região de estudo ao longo do século XX.

Com os levantamentos bibliográficos realizados, foi possível estabelecer uma periodização de três momentos como pontuamos anteriormente, contudo, é possível indicar um quarto momento pós-1999, correspondendo pela formação dos Estados da Sérvia, Montenegro e Kosovo (este último não reconhecido internacionalmente), indicando que o processo de fragmentação territorial da Iugoslávia foi longo e com duração de duas décadas, resultando em Estados nacionais com diversos grupos étnicos. Essa fragmentação apresenta em seu bojo, a existência de movimentos nacionalistas que desempenharam significativa importância na reconfiguração política e territorial das fronteiras que foram estabelecidas.

Nesse contexto, não pode-se deixar de mencionar o futebol, este desempenhou um papel relevante e complexo durante a guerra civil iugoslava, refletindo e influenciando aspectos cruciais da sociedade, identidade e nacionalismo na região. O mesmo, durante grande parte do séc. XX, foi usado como veículo para união dos povos que compunham o país, através da política de Irmandade e União de seu líder Josep Tito, entretanto, com a morte do mesmo e o desenrolar da guerra nos anos 1990, o esporte foi responsável por refletir as crescentes tensões étnicas e nacionalistas na região. Tal conflito resultou em um movimento significativo de pessoas que buscavam fugir em busca de segurança, deixando o país. A migração teve impacto no futebol nos países que acolheram esses

***GEOGRAFIA E FUTEBOL: ESPORTE, FLUXOS E CONFLITOS NA EX-IUGOSLÁVIA***

refugiados, espalhando a influência do futebol iugoslavo por outras seleções nacionais e clubes de futebol.

O futebol na Iugoslávia durante a guerra civil, foi muito mais do que um mero esporte, vindo a refletir as complexidades sociais, políticas e culturais da época. Essa expressão de unidade e identidade destaca a interconexão entre esporte, sociedade e política, servindo tanto como catalisador como espelho das mudanças de uma nação.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Pedro Sousa. O papel do futebol em contextos pós-conflito: o caso dos Balcãs. *Revista Conexões*, v. 10, n. 3, p. 1-19, 2012.
- ARAÚJO, G. C. C. de; KUNZ, S. A. da S. . Futebol, espetáculo e ufania nacionalista: o exemplo da copa do mundo. *Revista Tocantinense de Geografia*, v. 11, n. 24, p. 119–140, 2022. [10.20873/rtg.v11n24p119-140](https://doi.org/10.20873/rtg.v11n24p119-140).
- BOEGOVA, Julija. From Lies to Crimes: The Milošević Switch from Communism to Nationalism as State Policy FICHL Policy Brief Series No. 19, 2014.
- Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Chetnik". *Encyclopedia Britannica*, 7 Jun. 2023,
- Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Ustaša". *Encyclopedia Britannica*, 1 Nov. 2015
- CALIC, Marie-Jenine. *A History of Yugoslavia*. West Lafayette, Indian: Purdue University Press, 2018.
- CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Geografia e futebol: Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v. 2, nº 2, p. 249-265, 2008
- CANETTIERI, T. . A Importância do Futebol como Instrumento da Geopolítica Internacional. *Revista de Geopolítica* , v. 1, p. 116-128, 2010.
- COIMBRA, Makchwell Narcizo. Dos campos de futebol para os campos de batalha: uma análise da Guerra dos Balcãs. *FuLiA / UFMG*, v. 2, n. 2, p. 112-126, 2017. <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.2.2.112-126>
- CORRÊA, Roberto Lobato. Redes Geográficas: Reflexões sobre um tema persistente. *Revista Cidades*, V 9, nº 16, p. 200-220, 2012.
- COTRIM, E. B. Futebol e identidade na Guerra Civil Iugoslava. *Epígrafe*, v. 10, nº 2, 2021, pp. 60-88. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v10i2p60-88>



***GEOGRAFIA E FUTEBOL: ESPORTE, FLUXOS E CONFLITOS NA EX-IUGOSLÁVIA***

CHAGAS, Rodolfo Pereira de. Movimentos nacionalistas na Europa pós-guerra fria: os casos de Flandres, Escócia e Catalunha. Tese de doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CHAGAS, Rodolfo Pereira de. O resgate de fronteiras e a emergência de movimentos nacionalistas na Europa. In: RUCKERT, A.; SILVA, A.C.; SILVA, G. de V. Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: integração sul-americana e regiões periféricas. Porto Alegre: Editora Letra1, 2018, pp. 259-270.

FARIA, Débora Juliana Ribeiro de. A política externa brasileira para a Iugoslávia de Tito de 1945 a 1980. Santana do Livramento: Unipampa, 2014

HALPERN, Joel. Some Perspectives on Balkan Migration Patterns (with Particular Reference to Yugoslavia). In: DU TOIT, Brian; SAFA, Helen. Migration and Urbanization. Chicago: Mouton & Co., 1975, pp. 77-115.

HÖFIG, P.; BRAGUETO, C. R. Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. Terr@ Plural, v. 7, n. 1, p. 79–92, 2012.

MARTIN, André Roberto. Fronteiras e nações. São Paulo: Contexto, 1992.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; THÉRY, Hervé. Visões da Europa: representações e discursos. São Paulo: AnnaBlume, 2013.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Bases da formação territorial do Brasil. Geografares, n.º 2, 2001, pp. 105-113.

NOGUEIRA, Ricardo J. B. Nação e Nacionalismo: as faces de um conceito. Mimeo, 2023.

OLIVEIRA NETO, Thiago; NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Infraestruturas de circulação: entre a geopolítica e a geoeconomia. Revista Geopolítica Transfronteiriça, v. 2, n. 1, p. 82 - 107, ago. 2018.

TELES, Gabriel. Marxismo Autogestionário e Experiências Revolucionárias. Crítica Desapiedada, 2021. Disponível: <<https://criticadesapiedada.com.br/2021/02/19/marxismo-autogestionario-e-experiencias-revolucionarias-gabriel-teles/>>. Acesso em 14 set. 2023.

VALENÇA, Marcelo Mello. Novas Guerras, Estudos para a Paz e Escola de Copenhague: uma contribuição para o resgate da violência pela Segurança. 2010.

VALENTA, Marko; STRABAC, Zan. The dynamics of bosnian refugee migrations in the 1990s, current migration trends and future prospects. Refugee Survey Quarterly v. 32, n. 3, 2013, p. 1–22.

VALLAUX, Camille. El estado e suelo. Barcelona: Daniel Jorro, 1914.

UNHCR. Disponível em: <<https://www.unhcr.org>> Acesso em: 28 de Jul. De 2022.